

## ***Jornal do Povo: extinto em função do golpe de estado de 1964 e reverenciado pela história da imprensa maranhense***<sup>1</sup>

José Ferreira Junior<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

### **Resumo**

A narrativa sobre o *Jornal do Povo*, diário que circulou em São Luís do Maranhão de abril de 1949 a abril de 1964, se construiu em função do destaque da figura de seu fundador, o jornalista Neiva Moreira. Cassado pelo golpe de estado de 1964, o então deputado federal é preso e, posteriormente, exilado por 15 anos. Fecha-se, por conseguinte, qualquer possibilidade de manutenção do *Jornal do Povo* em função de o contexto político pós-golpe se apresentar desfavorável a um órgão de imprensa defensor da política nacionalista do governo deposto. Passando a fazer parte da história da imprensa maranhense, o extinto diário protagoniza narrativas épicas tanto no campo jornalístico quanto no tocante à esfera política. O enfrentamento entre a memória aquiescente e as informações contidas nos arquivados do *Jornal do Povo* é o que se problematizará neste artigo.

**Palavras-chave:** imprensa; história; política; golpe de estado de 1964; *Jornal do Povo*.

### **Introdução**

As consequências do golpe de estado de 1964 para a política, a economia e a sociedade estão muito bem demonstrada tanto no plano da abordagem acadêmica quanto pela, indubitavelmente farta, literatura testemunhal por parte dos que vivenciaram o período da ditadura civil-militar.

O papel da mídia para o desencadeamento e consolidação do golpe, no âmbito dos veículos de comunicação dos grandes centros urbanos, também tem uma abundante fortuna crítica. Quando se rememoram os 50 anos do golpe de estado, surge uma oportunidade para se visualizar o que esse fato político significou para a imprensa no plano regional e, mesmo, estadual, razão pela qual se escolheu focar, para este artigo, o desaparecimento do *Jornal do Povo*, diário que passou, ao longo dos anos posteriores a sua extinção, a simbolizar a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista. Mestre e Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUCSP. Estágio pós-doutoral pela FFLCH-USP. Professor de jornalismo do Departamento de Comunicação Social e do mestrado em Cultura e Sociedade (UFMA), e-mail: [jferr@uol.com.br](mailto:jferr@uol.com.br)

mobilização e a resistência oposicionista ao chamado *vitorinismo*<sup>3</sup>, sobretudo, da cidade de São Luís, capital do Maranhão, no período democrático de 1946 a 1964, sendo ainda notabilizado pelo fato de o jornal ter sido extinto em função da ascensão dos militares ao poder, em 1964, e da cassação do mandato (e do exílio) do deputado Neiva Moreira, seu proprietário.

Analisar o processo por intermédio do qual o jornal do então deputado, Neiva Moreira<sup>4</sup>, passou a ser mitificado pela historiografia dedicada à imprensa maranhense é o objetivo deste trabalho, para o qual se utilizará metodologicamente uma leitura semelhante àquela proposta por Robert Darnton, cujo alicerce é “fazer perguntas certas às fontes relevantes e traduzir de volta as respostas para um idioma que possa ser compreendido por nossos contemporâneos” (DARNTON, 2005, p.12). Tal encaminhamento pressupõe que se admita a presença da subjetividade do pesquisador, sendo possível uma autorreflexão, sem egocentrismo.

Neste trabalho, as perguntas precisam ser feitas às fontes documentais: o próprio *Jornal do Povo*. Ou seja, o olhar deve se voltar para a coleção de exemplares do periódico diário, na qual se encontram os registros que se juntam às vozes dos analistas para formar um quadro em que os processos possam ficar sobrepostos às narrativas de caráter personalista. Essa é uma estratégia já bastante utilizada no âmbito da história da imprensa brasileira (BARBOSA, 2007).

O fio condutor desta análise é a trajetória *Jornal do Povo* no que diz respeito à postura política e, sobretudo, à desenvoltura enquanto veículo de comunicação nas circunstâncias de viver um período denominado, por parte dos historiadores da mídia, como de transição na imprensa brasileira (ABREU *et al*; 1996), movimento que perdurou por mais de uma década, atingindo às publicações jornalísticas de natureza regional<sup>5</sup>.

### **Neiva Moreira: o jornalista e o político**

---

<sup>3</sup> O *vitorinismo* é historicamente considerado, pela literatura acerca da política maranhense no século XX, um tipo de coronelismo (CALDEIRA, 1978; BUZAR, 1998), protagonizado pelo senador Vitorino Freire, chefe político do PSD (Partido Social Democrático), hegemônico na política nacional durante a vigência da constituição de 1946.

<sup>4</sup> Neiva Moreira era deputado federal pelo PSP (Partido Social Progressista). A maior liderança nacional do partido era o político e empresário paulista Adhemar de Barros.

<sup>5</sup> Na introdução da coletânea, *A imprensa em transição*, os autores balizam os anos 1950, separando esse período dos anteriores, no sentido de que a partir de segunda metade do século XX, segundo eles, as empresas jornalísticas, no Brasil, adentram no estágio verdadeiramente comercial e, conseqüentemente, “introduzem inovações técnicas, gráficas e editoriais” (ABREU *et al*, 1996, p. 10).

Em uma longa entrevista biográfica ao jornalista José Louzeiro (MOREIRA, 2007), Neiva Moreira se reporta aos caminhos pelos quais trilhou no âmbito profissional, sendo o ingresso na atividade política uma consequência de sua proximidade com as lutas empreendidas pelas correntes e pela imprensa oposicionistas no estado do Maranhão, com as quais manteve, segundo ele, relações mesmo no período em que trabalhou nas redações do Rio de Janeiro. As posições do jornalista desde a militância estudantil na juventude eram nacionalistas, prática que o levou a se atritar com Assis Chateaubriand, seu patrão em publicações dos Diários Associados: *O Jornal* e a revista *O Cruzeiro*. Em função disso, seria natural que, ao entrar para política, procurasse se filiar no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), legenda que abrigava o pensamento nacionalista liderado por Getúlio Vargas. Houve uma tentativa mal sucedida de filiação:

Tentei filiar-me ao PTB, mas foi impossível. Vitorino (...) com sua influência e poder amedrontou a cúpula trabalhista no Rio de Janeiro: se me aceitassem, ele intensificaria a hostilidade ao partido, com o objetivo de atingir minha família. Juntamente com o senador José Neiva de Souza, um liberal que os adversários chamavam “raposa do agreste”, entrei para o Partido Social Progressista, o PSP.(MOREIRA, 2007, p.45).

Esse episódio gerou um cenário incomum no que tange ao período democrático brasileiro de 1946 a 1964. No Maranhão, a disputa política não se dava entre o PSD e a UDN (União Democrática Nacional), que rivalizam nas disputadas pelo poder central. O PSP era o principal partido de oposição, constituindo-se uma referência política de mobilização e de resistência na luta contra o PDS *vitorinista*, sobretudo na cidade de São Luís.

A existência do *Jornal do Povo*, pelo menos em seus primórdios, esteve vinculada ao projeto político de Adhemar de Barros:

O *Jornal do Povo*, instalado em São Luís em 29 de abril de 1949, com recursos do governador de São Paulo, Adhemar de Barros, para dar suporte ao Partido Social Progressista, pelo qual pretendia chegar à presidência da República, teve, anos depois, em outubro de 1952, seu controle acionário transferido para a Empresa Gráfica *Jornal do Povo S.A.*, cuja maioria das ações pertencia ao deputado Neiva Moreira (BUZAR, 1997, p. 7).

Na fase final de sua existência, o *Jornal do Povo* abraçou fortemente as bandeiras nacionalistas das chamadas reformas de base do governo João Goulart, bem distantes do posicionamento político de Adhemar de Barros, novamente governador de São Paulo, um

dos articuladores do golpe de estado de 1964, que viria, em 1966, a cassar-lhe os direitos políticos.

### **A construção mitológica da geração inovadora no jornalismo**

A crítica à narrativa de que a década de 1950 foi o marco fundador das mudanças pelas quais passaram as rotinas profissionais no jornalismo brasileiro foi empreendida pelos que advogam ser esse mais um momento de consolidação do que propriamente transformação.

Marialva Barbosa define deste modo o período em foco:

Assim mais do que a mudança radical, o que se constrói é o discurso unívoco dos jornalistas, identificando esse momento como singular para a profissão e transformando a década de 1950 numa espécie de lugar mítico do moderno jornalismo brasileiro. (...) os anos 1950 longe de representar rupturas são, a rigor, o período de consolidação das transformações por que vem passando a imprensa desde o início do século XX. (...) Se há inovações e rupturas, há também permanências e continuidades (BARBOSA, 2008, p. 157).

Enfatizando a imprensa carioca, na condição de centro propagador das reformas gráficas e editoriais dos anos 1950, Ana Paula Goulart Ribeiro faz uma análise do período de modo a que não se perca de vista que os processos de mudança prosseguem pelas décadas subsequentes:

Essas mudanças, que solidificaram o modelo do jornalismo informativo-objetivo no Rio de Janeiro, iniciaram-se nos anos 1950. Seu marco foram as reformas redacionais, gráficas e editoriais do Diário Carioca, em 1950, e do Jornal do Brasil, em 1956, assim como o surgimento de jornais inovadores, a exemplo da Tribuna da Imprensa, em 1949, e da Última Hora, em 1951. Esse modelo, no entanto, só se impôs definitivamente como hegemônico na imprensa carioca (e em todo o país) ao longo das décadas de 1960 e 1970 (RIBEIRO, 2006, p. 428).

### **Jornal do Povo e as inovações no jornalismo do Maranhão**

A narrativa construída, sobre o caráter inovador do *Jornal do Povo*, enquadra-o perfeitamente na lógica de um representante no Maranhão das transformações pelas quais passavam os veículos de imprensa dos principais centros urbanos do país, notadamente do

Rio de Janeiro, capital da República até 1960 e polo cultural importante até os dias de hoje, propagador de tendências nos mais variados campos intelectuais.

Para ilustrar esse ponto de vista, encontra-se o próprio testemunho de Neiva Moreira, ao situar a importância do jornal fundado por ele na história da imprensa maranhense:

O *Jornal do Povo* foi, além de tricheira de oposição, um reformador da imprensa no Maranhão. Substituiu aquele jornalismo literário, pretensamente analítico ou de fuxico doméstico, valorizando a reportagem e a denúncia (MOREIRA, 2007, p. 111).

Os que cultivam interesse pela política e pela história da imprensa maranhenses ratificam esse posicionamento de maneira a elevar não somente o papel do *Jornal do Povo*, mas, sobretudo, o de seu proprietário:

Em todos esses trabalhos jornalísticos, a competência, o brilho, o talento, o profissionalismo, a lucidez a cultura e a audácia se faziam sentir em total plenitude. Era um jornalista forjado na província, mas com a experiência e os conhecimentos adquiridos em centros mais adiantados, como o Rio de Janeiro, onde chegou a ser redator da revista *O Cruzeiro*, a de maior circulação no país, à época, logo se transformou num profissional cuja universalidade era incontestável. Daí por que, mesmo quando dissertava ou discorria sobre assuntos do Maranhão, dava-lhes um colorido especial. Como se fosse um rei Midas da imprensa, transformava-os em peças de inestimável valor, quer pelo conteúdo, quer pela variada riqueza de informações que traziam no seu bojo (BUZAR, 1997, p. 8)..

A partir de narrativas semelhantes a essas, inferiu-se, no âmbito do jornalismo maranhense e mesmo nos meios acadêmicos, que o *Jornal do Povo* foi o portador de técnicas modernas de redação jornalística, a exemplo do *lead*<sup>6</sup> (conduzir em inglês, um indicador da objetividade no texto jornalístico), assim como fica sinalizado, ainda, um início de profissionalização dos jornalistas maranhenses que se envolviam com o ofício, até então, em uma atmosfera de boemia literária.

A proposta metodológica de Darnton, já explicitada acima, de fazer perguntas às fontes se afigura oportuna, neste momento, em função de que os processos de profissionalização do jornalista e a busca por um texto mais “objetivo” demoram décadas para completar fase de transição tanto no que se refere à imprensa de centros urbanos mais desenvolvidos quanto

---

<sup>6</sup> A literatura sobre a história da imprensa brasileira registra a introdução da técnica do *lead* (as respostas a seis perguntas no início da matéria: o que, quem, quando, onde, como e por que) no início dos anos 1950 (SODRÉ, 1983, p.394). Pompeu de Sousa, notabilizado por ter participado da inserção do *lead* no jornalismo brasileiro durante sua passagem pelo *Diário Carioca*, afirma que “a notícia ficava no pé da matéria”, sendo que a “abertura era um comentário, uma opinião, uma mistura de informação, interpretação e tudo mais, menos notícia” (POMPEU DE SOUSA, 1986, p. 22).

em capitais mais distantes da efervescência política, econômica e cultural. A intenção, no limite, é “conversar com os mortos”, seguindo a argumentação de Darnton: “pode-se ter o privilégio de auscultar almas mortas e avaliar as sociedades por elas habitadas” (1987, p. 7). No sentido de estruturar essa ausculta, a opção de Darnton é pela elaboração de um conjunto de esboços, não de um vasto painel:

O esboço, em ciência histórica, permite transfixar os homens no momento da ação, iluminar os assuntos sob uma luz insólita, focalizar complexidades por ângulos diferentes. Pode adicionalmente, no curso da pesquisa, fazer-nos deparar — e comunicar-nos esse vivido sentimento — com variedades surpreendentes de humanidade (DARNTON, 1987, p. p.9).

O esboço, por intermédio do qual se pode “focalizar por ângulos diferentes” a trajetória do *Jornal do Povo*, se manifesta numa leitura descolada do argumento unívoco do pioneirismo nas inovações e na profissionalização. Ao se consultarem os exemplares do *Jornal do Povo* verificam-se, por exemplo, vocações para contar histórias, ampliando o foco narrativo, sem tanta preocupação em demonstrar que estava imbuído do intuito de praticar a objetividade jornalística.

Salta aos olhos uma questão pouco, ou quase nada, mencionada pelos que se debruçam a estudar a importância do *Jornal do Povo* para a imprensa maranhense. Trata-se do fato de o jornal de Neiva Moreira trazer para cena política as classes populares e, ao mesmo tempo, adentrar no cotidiano da cidade de modo a explicitar as agruras da população.

Seguem dois exemplos da estrutura textual, cuja narrativa está descolada dos critérios de objetividade. No primeiro, situa-se o crônico problema do abastecimento de água na cidade, notadamente no centro da capital maranhense e, no segundo, relata-se a pouca expressividade de um período momesco:

Dia a dia, o problema da falta de água se avoluma, traduzindo-se na inquietação que assoberba os habitantes da ilha. Em centenas de casas, há mais de setenta e duas horas, não goteja um pingão d’ água. Frequentemente se encontram pessoas transportando latas ou potes contendo o precioso líquido, apanhado, ora na Fonte do Ribeirão, ora na Fonte das Pedras ou mesmo em Casa de conhecidos que acidentalmente residem em trechos mais baixos da cidade (SEM água a cidade durante três dias, *Jornal do Povo*, 01 dezembro 1951).

Com menos brilho que dos anos anteriores e debaixo de chuva o carnaval ludovicense foi um retrato fiel da situação em que se encontra o povo, sem

condições para tirar qualquer centavo de seu orçamento para fazer gastos extras.

O tríduo momesco este ano foi mais fraco que os anteriores. O povo, que gosta de se fantasiar, não apareceu e a chuva quase não permitiu aos poucos surgidos se exibirem (CARNAVAL local foi inexpressível, *Jornal do Povo*, 13 fevereiro 1964).

As respostas advindas dessas construções textuais apontam para a argumentação de que o processo de transição por que passou a imprensa teve de fato “inovações e rupturas”, mas conviveu também com “permanências e continuidades” (BARBOSA, 2007, p. 157).

### **Jornal do Povo e o golpe civil-militar de 1964**

Nos últimos três meses de sua existência, o *Jornal do Povo* defendeu enfaticamente as reformas de base proposta pelo governo João Goulart, divulgando as proclamações dos principais líderes que apoiavam as iniciativas reformistas. No dia seguinte ao famoso comício na Central do Brasil em que foram anunciadas medidas como a desapropriação de terras e encampação das refinarias de petróleo, o jornal publicava declarações provocadoras, em título publicado na primeira página daquela edição, de Leonel Brizola<sup>7</sup>: “Leonel Brizola: É hora de acabar conciliação” (*Jornal do Povo*, 14 março 1964). Uma manifestação menos provocativa, mas também reveladora dos ânimos acirrados, veio do então governador de Pernambuco: “Miguel Arrais: unidade das forças populares” (*Jornal do Povo*, 14 março 1964). Nos dias que antecederam ao golpe, as manchetes do jornal são de exaltação às palavras das lideranças governistas, ao mesmo tempo em que se manifestavam pela resistência ao golpe. O deputado Brizola era sempre uma referência: “Leonel Brizola: Reacionários parecem formigas tontas querendo criar asas” (*Jornal do Povo*, 22 março 1964). No dia em que começa o levante, a manchete era: “Sargentos das 3 armas: união dos soldados para barrar os reacionários” (*Jornal do Povo*, 31 março 1964). O início de abril marca o fim da publicação e sua última chamada na primeira página ainda tentava manter esperanças de uma resistência: “Jango não renuncia” (*Jornal do Povo*, 3 abril 1964). Nesse dia, registra-se a publicação de um manifesto, intitulado “Ao povo Maranhense”, convocando a população a defender o mandato do presidente da República. O manifesto foi assinado por Vera Cruz Marques pelo Pacto dos Trabalhadores do Maranhão e por Bandeira Tribuzi pela Frente de Mobilização Popular. Tribuzi era diretor

---

<sup>7</sup> À época, ex-governador do Rio Grande do Sul e deputado federal pelo então Estado da Guanabara. Brizola foi protagonista no episódio da campanha pela legalidade, cujo epicentro era a cidade de Porto Alegre, que garantiu a posse de João Goulart quando da renúncia do presidente Jânio Quadros em 1961.

substituto do *Jornal do Povo*, informação esta contida no expediente, abaixo somente do deputado Neiva Moreira, proprietário e diretor responsável pela publicação.

### Considerações Finais

Com o golpe de estado, os diretores e alguns dos colaboradores do *Jornal do Povo* foram presos por algum tempo e, posteriormente, tomariam rumos políticos e profissionais diferentes. O diretor de redação, Bandeira Tribuzi, além do exercício profissional do jornalismo, viria a se tornar um dos articuladores do programa de governo de José Sarney, eleito em 1965 com apoio do governo militar e de diversas lideranças políticas de oposição ao *vitorinismo*.

Quando se pesquisa os arquivos do *Jornal do Povo*, inserindo-o no contexto da imprensa maranhense da segunda metade do século XX, tem-se a dimensão de sua importância, mesmo que se retire da observação certos arroubos retóricos dos que já se debruçaram sobre o tema. O jornal sempre se filiou ao lado das liberdades democráticas, sobretudo quando adveio o golpe militar de 1964 e, no plano da política estadual, colocou-se contra uma forma de rudimentar de coronelismo, sendo que este soube se traduzir, se modernizar e persiste na política regional do norte e do nordeste do Brasil até os dias de hoje.

### REFERÊNCIAS

- ABREU, A A.(org). **A imprensa de transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996,
- BARBOSA, M. **História cultural da imprensa: Brasil – 1900- 2000.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BUZAR, B. **Neiva Moreira: o jornalista do povo.** São Luís: Lithograf, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O vitorinismo: lutas políticas no Maranhão de 1945 a 1965.** São Luís: Lithograf, 1998.
- CALDEIRA, J. R. C. Estabilidade social e crise política: o caso do Maranhão. **Revista Brasileira de Estudos Políticos.** n. 46. P. 55-101, 1978.
- DARNTON, Robert. **Boemia literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII.** São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- MOREIRA, N. **O pilão da madrugada.** 2. ed. São Luís: SECMA, 2007.
- POMPEU DE SOUSA, Roberto. Entrevista concedida á **Revista de Comunicação,** n. 7, Rio de Janeiro, 1986, p. 22.
- RIBEIRO, A. P. G. Modernização e concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970. In: NEVES, L. M. B; MOREL, M; FERREIRA, T. M. B. da C.(org.). **História e imprensa: representações culturais e práticas do poder.** Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.
- SODRÉ, N W. **História da imprensa no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.